

obtemos aquilo a que podemos chamar platonismo da plenitude. Greg Restall (2003) apresenta uma série de objeções inter-relacionadas contra tal forma de platonismo, procurando mostrar, basicamente, que um de seus principais defensores — a saber, Balaguer (1998) — não desenvolveu uma versão plausível de platonismo matemático. Nessa comunicação, apresento a primeira parte dessas objeções — nomeadamente, a parte na qual Restall tem por objetivo mostrar que interpretado formalmente, o princípio da plenitude implica uma contradição —, chamando a atenção para o fato de que Balaguer já havia concebido esse tipo de objeção contra a sua posição e fornecido-lhe uma réplica plausível.

Palavras-chave: Metafísica; Platonismo; Platonismo da plenitude.

‘SATZ’ COMO ‘BILD’ E ‘SATZ’ COMO ‘MAßSTAB’: O DESENVOLVIMENTO DE UMA METÁFORA.

Prof. Dr. Marcos Silva⁴³

Resumo: Uma característica que torna a língua alemã filosoficamente atraente é a impressão comum de que, nela, parece haver uma palavra para cada nuance de sentido. Podemos observar, contudo, que muitas noções centrais para a Filosofia de Wittgenstein são palavras alemãs vagas ou ambíguas: como ‘Satz’, ‘Bild’, ‘Deutung’, ‘Spiel’, ‘Maßstab’ etc. Esta contribuição defenderá que esta polissemia pode ser também filosoficamente relevante. Para tanto, vamos tomar como exemplo a evolução da metáfora de régua (Maßstäbe). Esta foi apresentada marginalmente no *Tractatus* (1918) para ilustrar como determinamos o sentido de proposições (significativas). A partir de 1929, após alguns problemas lógicos acerca do estatuto da necessidade e da exclusão em alguns domínios linguísticos (como na atribuição de cores a pontos visuais e de graus a qualidades empíricas), a metáfora de régua toma gradualmente a centralidade da discussão. Nesta palestra, investigaremos, dentre outras coisas, como e por que esta metáfora motivou a emergência das discussões de normatividade na Filosofia de Wittgenstein no começo da década de 1930. Isto pode ser explicado porque régua (Maßstäbe) não são só instrumentos de medida, mas também são objetos de referência. 'Maßstäbe', em

⁴³ Professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e membro do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFS (PPGF-UFS).

alemão corrente, significa, muitas vezes, critérios ou regras, largamente convencionais, pelos quais outras coisas são avaliadas.

Palavras-chave: Língua alemã; Wittgenstein; Tractatus; Metáfora; Normatividade.

INCERTEZAS FILOSÓFICAS SOBRE CERTEZAS CIENTÍFICAS: ESPECULAÇÕES CRIATIVAS A PARTIR DE WHITEHEAD E HARAWAY

Profa. Dra. Juliele Maria Sievers⁴⁴

Resumo: A presente proposta visa discutir a questão do método científico baseado em padrões de neutralidade e objetividade, que foram e continuam sendo amplamente questionados pela crítica feminista. Se tal crítica ao modelo canônico de ciência já é bem desenvolvida por uma série de autoras, pretendemos aqui explorar mais especificamente o resgate feito por Donna Haraway (1988; 2013) da filosofia de Alfred North Whitehead (1967) acerca da relação entre o ser humano e a natureza. A partir deste pano de fundo teórico, iremos, em nossa abordagem, aprofundar especificamente a noção de criatividade dentro da prática científica, e como ela pode ser articulada em termos de criação de mundos representados em experimentos mentais ou, mais elaboradamente, pela literatura, em específico a literatura de ficção científica.

Palavras-chave: Método Científico; Experimentos mentais; Epistemologia; Literatura; Criatividade.

TEORIAS JURÍDICO-FILOSÓFICAS E POLÍTICAS DE NACIONALIDADE E IMIGRAÇÃO NA FORMAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA: UM RECORTE ACERCA DA RACIALIZAÇÃO DO PROCESSO DE IMIGRAÇÃO NO PAÍS

⁴⁴ Professora do Programa de Pós-Graduação (PPGFI) e do Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação (PPGFI) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: juliele.sievers@ichca.ufal.br